



FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

1º ciclo do 2º bimestre do 9º ano

Eixo bimestral: **CRÔNICA**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Andreza Nora

Conteudistas

Fernanda Demier

Tânia Mikaela Roberto

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2014



O QUE ENSINAR?

LEITURA

- **Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.**
- **Distinguir texto ficcional e não-ficcional; fato e opinião.**
- **Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional.**

USO DA LÍNGUA

- **Reconhecer e usar adequadamente a paragrafação e a pontuação.**
- **Identificar o uso dos discursos direto e indireto.**
- **Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação.**
- **Relacionar o uso de conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências.**

PRODUÇÃO TEXTUAL

- **Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.**

COMO ENSINAR?

Nesta seção, são previstas atividades complementares às propostas no Roteiro de Atividades, com o objetivo de ampliar o leque de opções do professor quanto ao gênero em estudo e aos descritores do Currículo Mínimo. Vale lembrar que as sugestões dadas sempre poderão ser adaptadas, ampliadas e adequadas a cada realidade, sendo um suporte para que o professor utilize sua criatividade somada ao referencial aqui apresentado e enriqueça ainda mais suas aulas.

Sequência didática 1: Crônica

Esta primeira sequência didática explora, em quatro passos, dois descritores de leitura e um de uso da língua previstos para o ciclo, com o objetivo de introduzir os estudos sobre o gênero *crônica*.

Eixo Leitura:

- Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.
- Distinguir texto ficcional e não-ficcional.

Eixo Uso da Língua:

- Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

INTRODUÇÃO

No bimestre que ora iniciamos, nossa atenção está voltada para o gênero textual crônica. Nesse gênero, há o predomínio do modo de organização narrativo, que está relacionado à finalidade de relatar situações, fatos e acontecimentos, sejam eles reais ou imaginários. Toda narrativa é sustentada, assim, por um processo de intriga, que nada mais é do que a seleção e organização dos fatos, de maneira a formar um todo, ou seja, uma história com início, meio e fim.

A acepção moderna de crônica deixou de ser estritamente jornalística, passando a revestir-se de sentido literário. Massaud Moisés¹ ressalta que a ampla difusão da

¹ MOISÉS, M. Dicionário de termos literários. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2002, p.132.

imprensa trouxe “benefício” ao termo que, então, logo passou a ser entendido como uma “narrativa histórica” que figurava nos jornais impressos.

O que precisa ser salientado, porém, é que, no Brasil, diferentemente de outros países, o que se vê na crônica não é um registro cronológico de fatos: esses normalmente apenas são pretextos para a escrita das crônicas. Se em outras partes do mundo as crônicas servem ao relato de fatos do cotidiano, aqui os fatos do cotidiano são apenas o mote, a matéria para a crônica. Por meio da associação de ideias, de jogos de palavras, de oposições, o autor da crônica elabora sua narrativa, sendo a ele “permitido” mesclar ficcionalidade e realidade, o ficcional e o factual.

Isso mostra que o entendimento sobre o que é a crônica, no jornalismo nacional, difere do entendimento do que é a crônica no jornalismo internacional. É essa uma razão para que Antônio Cândido afirme que a crônica “sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”². À afirmação de Cândido, podemos justapor outra: a de que a crônica, somente no Brasil, tem “a feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária”.

O registro da história social, assim como a escrita das crônicas, tem como uma de suas finalidades mostrar a grandiosidade e a singularidade de simples fatos do dia a dia. Ao redigir as crônicas contemporâneas, os autores organizam sua narrativa na primeira ou terceira pessoa do discurso, normalmente como quem conta um caso, em tom muitas vezes intimista.

Ao contar a história, introduzem no texto diálogos nos quais aparecem expressões tipicamente cotidianas, como se estivessem conversando com os leitores.

² CÂNDIDO, A. A vida ao rés do chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 15.

Escrevendo de tal maneira, os cronistas envolvem-nos com reflexões sobre a vida política, social, econômica, algumas vezes em tom humorístico, outras em tom de maior seriedade, outras com um ar poético que não nos deixa dúvidas sobre o seu pertencimento à literatura.

Outra importante característica da crônica é apresentar uma linguagem que combina aspectos da língua escrita com outros da língua oral. Ainda que seja um gênero de indiscutível riqueza temática e estrutural, a crônica não é, segundo Antônio Cândido³, um “gênero maior”. O fato de ser um gênero menor, entretanto, não a desqualifica de forma alguma, ao contrário: “para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, mas para a literatura”⁴.

Lembramos aqui que a multiplicidade temática e também estrutural que a crônica assume na realidade brasileira permitiu aos críticos literários e jornalistas elaborarem diferentes classificações para o gênero. Antônio Cândido, a partir das diferenças que observa na estrutura da narrativa dos modernos cronistas brasileiros, aponta a seguinte classificação:

- A. **crônica diálogo** – espécie em que o cronista e seu interlocutor imaginário fazem um revezamento, trocando informações e pontos de vista;
- B. **crônica narrativa** – espécie que possui estrutura de ficção e muito se assemelha ao conto;
- C. **crônica exposição poética** – espécie que constitui uma divagação livre sobre um determinado fato ou opinião;
- D. **crônica biografia lírica** – espécie de narrativa poética sobre a vida de uma pessoa.

³ CÂNDIDO, A. Op. Cit.: 13

⁴ CÂNDIDO, A. Op. Cit.: 13

Afrânio Coutinho⁵, outro grande nome da crítica literária brasileira, sinaliza a existência de cinco diferentes tipos de crônicas:

- A. **crônica narrativa** – o eixo é uma história (aproxima-se do conto);
- B. **crônica metafísica** – constitui-se de reflexões sobre homens ou fatos;
- C. **crônica poema-em-prosa** – possuidora de conteúdo lírico;
- D. **crônica-comentário** – figura como um comentário sobre temas das mais diversas ordens.

Para o jornalista Luiz Beltrão⁶, as crônicas podem ser divididas em dois grandes grupos:

- 1. Em função da natureza do tema explorado:
 - A. **crônica geral** – possui espaço fixo no jornal e aborda temas variados;
 - B. **crônica local** – também denominada urbana, aborda os fatos cotidianos da cidade;
 - C. **crônica especializada** – o autor é um especialista do tema sobre o qual discorre.
- 2. Em função do tratamento dado ao tema:
 - A. **analítica** – os fatos são expostos de modo objetivo;
 - B. **sentimental** – o autor busca sensibilizar o leitor;
 - C. **satírico-humorística** – busca criticar, ironizar ou ridicularizar fatos ou pessoas.

Por ser breve, despretensiosa, de fácil acesso, a crônica é, para muitos leitores iniciantes – dentre os quais destacamos nossos alunos –, a principal “via de acesso” à

⁵ COUTINHO, Afrânio. **Antologia brasileira de literatura**. Rio de Janeiro: Letras e Artes, vol. 3, 1967.

⁶ BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

leitura de gêneros considerados “maiores” e mais complexos, como o conto e o romance, por exemplo. Essa é uma das razões que justificam o estudo da crônica anteceder, no *Currículo Mínimo*, o estudo do romance (previsto para o 3º e 4º bimestres).

PASSO 1 - Diferenciando texto ficcional de não-ficcional

A fim de preparar a turma para o desenvolvimento da habilidade “Distinguir texto ficcional e não-ficcional”, pode-se primeiramente propor que o aluno observe textos de diferentes gêneros para que identifique o que traz informações reais (não-ficcionais) ou imaginárias (fissionais).

Nesta atividade, alguns gêneros que podem ser apresentados são:

● **Não-Ficcionais**

a) Notícia de jornal

Idosa cai no golpe do bilhete premiado e perde R\$ 10 mil 17/01/2013 01:00:16

O caso aconteceu no final da manhã de terça-feira (15) na região central da cidade

Uma aposentada de 66 anos perdeu quase R\$ 10 mil em dinheiro ao cair no conhecido golpe do bilhete premiado. O caso aconteceu no final da manhã de terça-feira (15) na região central da cidade, porém só foi registrado horas mais tarde porque a vítima teria sido ameaçada de morte por um dos golpistas. Nenhum suspeito foi preso.

De acordo com informações da Polícia Militar, os golpistas agiram por volta das 11h30. A vítima caminhava sozinha pela Avenida República quando foi abordada por uma outra mulher idosa, que afirmou ter ganhado um prêmio na loteria, mas que não sabia como proceder e queria ajuda para realizar o saque em uma agência bancária.

Na sequência, um casal se aproximou e também ofereceu auxílio. A suposta ganhadora prometeu parte da premiação como recompensa, mas exigiu uma quantia em dinheiro

como garantia. A idosa sacou R\$ 5 mil em um banco, fez um empréstimo de R\$ 3.750 em outra agência e entregou R\$ 850 que estavam em sua bolsa.

Logo depois, o homem teria sacado uma arma e afirmado que ela havia sido vítima do golpe do bilhete premiado. Antes de fugir, o criminoso a ameaçou, dizendo que a mataria caso ela gritasse ou acionasse a polícia. Em seguida, ele a abandonou na rua Paraná, ainda na região central, e fugiu.

Já no final da tarde, a aposentada relatou o ocorrido e informou as características físicas e roupas dos três golpistas. Policiais militares realizaram buscas pela cidade, porém nenhum suspeito foi encontrado e preso. O caso foi registrado no Plantão Policial e é investigado pelo 3º DP em parceria com a DIG (Delegacia de Investigações Gerais).

Disponível em: <http://www.diariodemarilia.com.br/Noticias/118685/Idosa-cai-no-golpe-do-bilhete-premiado-e-perde-R-10-mil> Acesso em: 20 de jan. 2013

b) Receita de bolo

Bolo de Chocolate de Micro-ondas

Ingredientes

2 ovos inteiros
1/2 xícara de açúcar (= 8 colheres de sopa)
1/2 xícara de leite (= 20 colheres de sopa)
1/2 xícara de óleo (= 14 colheres de sopa)
1/2 xícara de chocolate em pó (=10 colheres de sopa)
1 xícara de farinha trigo (=14 colheres de sopa)
1 colher de fermento em pó

Modo de preparo

Em uma fôrma redonda de furo no meio que vai ao micro-ondas, coloque todos os ingredientes, misture bem com uma colher de pau, leve ao micro por 5 minutos. Está pronto o bolo.

Se quiser pode fazer uma cobertura com chocolate para colocar em cima do bolo.

Este bolo rende de 10 a 12 pedaços.

c) Bula de remédio

Dipirona sódica

Composição - DIPIRONA SÓDICA

Cada comprimido contém 500 mg de dipirona sódica. Cada ml contém 500 mg de dipirona sódica. Cada ampola contém 1 g de dipirona sódica.

Posologia e Administração - DIPIRONA SÓDICA

Comprimidos (adultos): 1 a 2 comprimidos, 3 a 6 vezes ao dia. Gotas: (adultos): 20 a 40 gotas, 3 a 6 vezes ao dia. Em pediatria reduzir a dose de acordo com a idade, usando as tabelas apropriadas. Injetável: (adultos): 2 a 6 ml ao dia, via intramuscular ou endovenosa. Em pediatria reduzir a dose de acordo com a idade, usando as tabelas apropriadas.

Indicações - DIPIRONA SÓDICA

Antipirético e analgésico. Febre, nevralgias, cefaleias, reumatismo muscular, poliartrite, isquialgias e outras crises dolorosas.

Apresentação - DIPIRONA SÓDICA

Embalagens com 50 e 200 comprimidos de 500 mg. Frascos conta-gotas de 10 e 20 ml. Ampolas (injetável): caixa com 50 ampolas de 2 ml.

● **Ficcionais**

a) Fábula

A lebre e a tartaruga

A lebre estava se vangloriando de sua rapidez, perante os outros animais: "Nunca perco de ninguém. Desafio a todos aqui a tomarem parte numa corrida comigo."

"Aceito o desafio!", disse a tartaruga calmamente.

"Isto parece brincadeira. Poderia dançar à sua volta, por todo o caminho", respondeu a lebre.

"Guarda sua presunção até ver quem ganha", recomendou a tartaruga.

A um sinal dado pelos outros animais, as duas partiram. A lebre saiu a toda

velocidade. Mais adiante, para demonstrar seu desprezo pela rival, deitou-se e tirou uma soneca. A tartaruga continuou avançando, com muita perseverança. Quando a lebre acordou, viu-a já pertinho do ponto final e não teve tempo de correr, para chegar primeiro.

Moral: Com perseverança, tudo se alcança.

b) Resumo de novela: *Salve Jorge – Sábado – 19 de janeiro*

Ayla vai embora com Zyah de seu noivado e Ekram vê os dois. Sarila recebe o noivo da enteada e fica satisfeita com o presente que recebe. Tamar avisa que a irmã sumiu. Zyah leva Ayla para a casa de Cyla e Tartan. Lívia proíbe Wanda de fazer qualquer coisa contra Morena até o fim das investigações. Pescoço fica intrigado com o [interesse](#) de Vanúbia em Russo.

Salete reclama para Stênio que Drica e Pepeu não lhe pagam. Fátima descobre que Pepeu pegou o dinheiro de Berna. Morena pede para Théo acompanhá-la ao [desfile](#) de Lívia. Carlos pede para Antônia não fazer nada que contrarie as ordens do juiz. Celso viaja com Raissa para não deixar que ela se encontre com a mãe.

Waleska alerta Rosângela sobre Irina. Lucimar leva Russo a um baile e Vanúbia chega ao local. Berna implora que Helô salve seu casamento.

c) Crônica

A Rua

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.

A rua! Que é a rua? Um cançonetista de Montmartre fá-la dizer:

Je suis la rue, femme éternellement verte,

Je n'ai jamais trouvé d'autre carrière ouverte

Sinon d'être la rue, et, de tout temps, depuis

Que ce pénible monde est monde, je la suis...

(Eu sou a rua, mulher eternamente verde jamais encontrei outra carreira aberta senão a de ser a rua e, por todo o tempo; desde que este penoso mundo é mundo, eu a sou...)
A verdade e o trocadilho! Os dicionários dizem: "Rua, do latim ruga, sulco. Espaço entre as casas e as povoações por onde se anda e passeia." E Domingos Vieira, citando as Ordenações: "Estradas e rua pruvicas antigamente usadas e os rios navegantes se som cabedaes que correm continuamente e de todo o tempo pero que o uso assy das estradas e ruas pruvicas." A obscuridade da gramática e da lei! Os dicionários só são considerados fontes fáceis de completo saber pelos que nunca os folhearam. Abri o primeiro, abri o segundo, abri dez, vinte enciclopédias, manuseei infolios especiais de curiosidade. A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações...

Disponível em: <http://www.joaodorio.com/Arquivo/2004/02,03/cronica.htm#3a>

Acesso em: 08 de abril de 2013.

Ao longo desta atividade, o aluno deve, além de identificar qual texto é ficcional e qual não é, explicar como ele chegou a esta conclusão. Neste contexto de trabalho, você pode ressaltar para a turma que os fatos constantes de uma história lida não necessariamente são reais, que dispensam a ocorrência no universo exterior ao texto. Por mais que seja verossímil, ou seja, que tenha uma “aparência de real”, que possua laços com o cotidiano, os enredos de crônicas e contos são normalmente ficcionais.

É importante enfatizar a ideia de que nem toda ficção emerge em forma de narrativa, e que nem toda narrativa é ficcional, tendo por base a constatação de que podemos encontrar a narração em vários gêneros textuais que não são, necessariamente, ficcionais, como, por exemplo, muitos textos veiculados em jornais e revistas (notícias, reportagens).

PASSO 2 – Lembrando os elementos do texto narrativo

Neste bimestre, como é retomado o estudo de dois gêneros narrativos, sugerimos que você monte uma tabela, no quadro ou impressa, a fim de lembrar cada elemento que compõe a narração. Antes mesmo de iniciar o estudo das crônicas propostas como Textos Geradores para o primeiro ciclo (“Um idoso na fila do Detran” e “Elogio da Morte”, de Lima Barreto) e de identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito, peça aos alunos para citarem outros textos narrativos que eles tenham estudado em séries anteriores, buscando resgatar, nessas histórias, os referidos elementos. Essa atividade, com caráter de revisão, facilitará a retomada dos conceitos.

Esse resgate é importante para a apresentação das crônicas, sobretudo das crônicas narrativas. Possivelmente surgirão narrativas de ficção e de aventura. Esse momento pode ser aproveitado para focalizar, ainda, a história desenvolvida em cada uma delas.

Você pode, então, em uma atividade com toda a turma, fazer um quadro com os seguintes elementos:

<p>Título da História</p> <p>Narrador</p> <p>Espaço</p> <p>Tempo</p> <p>Personagens</p> <p>Conflito</p>

Em seguida, peça que voluntários se posicionem e contem histórias conhecidas. Depois, em grupo e oralmente, a turma identifica os elementos que compõem a história contada pelo colega, a partir do quadro apresentado por você. É interessante sugerir desde histórias mais simples, como “Chapeuzinho vermelho”, “Os três porquinhos” etc., até mais complexas como “Crepúsculo”, “Harry Potter” etc.

PASSO 3 – Comparando texto ficcional e não-ficcional

A fim de enriquecer a distinção entre texto ficcional e não-ficcional, você pode comparar a estrutura da notícia, gênero não-ficcional, aos elementos essenciais de qualquer outro gênero narrativo, como a própria crônica (quando se configura como crônica narrativa).

Você pode, nesta etapa, apresentar para o aluno a crônica “Pra lua”, de Antônio Prata”, e a notícia “Campograndense de 12 anos é aprovada em vestibular da UFMS”, publicada no site www.fatimanews.com.br.

Crônica

Pra lua

Antonio Prata

Quinze minutos antes, ao acabar o primeiro sorvete, um Fura-bolo, Julinho pulou de alegria: o palito viera premiado, dando direito a mais um. Até aí, nada de mais... Acontece que o segundo sorvete (um Esquimó) também dava direito a outro, assim como o terceiro (de coco), o quarto (tangerina) e provavelmente todos os que chupasse se, no quinto picolé — a barriga do garoto já estava parecendo uma tela do Pollock, tantas as gotas de diversas cores que escorriam em direção à sunga verde-limão—, o sorveteiro não tivesse dado com a tampa de isopor em sua cabeça e saído soltando os palavrões mais cabeludos, cujos significados Julinho só viria a descobrir muitos anos mais tarde, na perua do colégio, numa tarde de maio — o que não vem, absolutamente, ao caso.

(...)

Apesar de já saberem que ali tinha coisa, foi só quando Julinho estava na quinta série, na época que surgiram as Raspadinhas, que seus pais realmente se deram conta do potencial econômico de seu dom. Enquanto a maioria dos mortais gastava tubos do dinheiro naqueles cartões lotéricos e, na melhor das hipóteses, ganhava 50 centavos — gastos em mais uma Raspadinha que, claro, não dava em nada —, Julinho sempre tirava a sorte grande: era só raspar a camada prateada e sair pro abraço.

Em alguns meses, a família comprou uma cobertura, casa na praia, carro importado e jet ski. Não fosse o processo promovido pela Associação Brasileira dos Donos de Casas Lotéricas — que deu queixa na polícia dos prejuízos causados pelo gordinho que aparecia sempre chupando um picolé, comprava uma Raspadinha e limpava os caixas dos estabelecimentos — e a família, em pouco tempo, entraria nas listas das mais ricas do Brasil.

(...)

Foi por acaso, caminhando pelo Centro de São Paulo [...] que Julinho encontrou a lâmpada árabe. Haddad, o vendedor, garantiu que a preciosidade era do século XIII e havia sido roubada pessoalmente do Museu de Bagdá, durante a invasão americana. Julinho, contando, como sempre, com a própria sorte, não vacilou.

Assim que chegou em casa e começou a lustrar a lâmpada com a manga da camisa, o ambiente encheu-se de fumaça, ouviu-se uma explosão e, depois de uma chuva de purpurina e lantejoulas, lá estava ele, translúcido e obeso, pairando a um metro do chão: o gênio da lâmpada!

- *Ó amo querido, me libertaste da terrível prisão! Como recompensa, concedo*

te três pedidos. Diz-me apenas quais são teus desejos e logo os satisfarei

Julinho nem pestanejou:

— Primeiro eu queria ser como os outros, não ter tanta sorte: me dar bem às vezes, mal em outras, ter que me esforçar para conseguir o que quero. Segundo, já que a sorte me abandonará, quero apenas garantir uma regalia: que todas as mulheres que posam para a Playboy queiram fazer sexo comigo até o fim da vida. Terceiro, desde criança que penso nisso: por que chamam esse objeto dourado de lâmpada, se ele mais parece um bule?

O gênio, com aquela cara séria e atenta que gênio faz nessas horas, respondeu:

— Meu amo: teus desejos são uma ordem!

Mais fumaça, mais chuva de purpurina e lantejoulas e, quando tudo se acalmou, no lugar que antes o gênio sobrevoava, havia um bilhete:

“Caro amo, temo avisar-te que ocorreu uma falha na execução de teus desejos. Acontece uma vez a cada mil anos o que nós, gênios da lâmpada, chamamos de paradoxo retroativo. Teu primeiro desejo foi imediatamente aceito e teu azar, portanto, começou ali mesmo, fazendo com que os efeitos desse gênio não tenham efeito nenhum. Em outras palavras: tudo continuará como antes, tu continuarás sortudo. Se fizeres sexo com playmates ou descobrires por que esse bule é uma lâmpada será porque nasceste virado para a lua, não por conta de meus serviços. Agora, devo ir-me, haverá uma convenção de gênios da lâmpada no Rotary Club de Ribeirão Preto e não posso perdê-la por nada. Adeus e obrigado.”

Disponível em: http://www.releituras.com/antonioprata_menu.asp

Acesso em 01 de fev. 2013.

Notícia de jornal:

Campograndense de 12 anos é aprovada em vestibular da UFMS

Uma sul-mato-grossense de 12 anos foi aprovada para o curso de Zootecnia e Física, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Ela fez o vestibular na condição de treineira, com base na nota obtida no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). No entanto, a menina quer ser médica, assim como o pai, Clodoaldo Conrado, de 67 anos.

Conforme o Campograndenews, Giovanna Conrado tem Quociente de Inteligência - QI 135 (o normal é até 100). Ela vem sendo acompanhada há três anos pelo Núcleo de Altas Habilidades/Superdotação da Secretaria Estadual de Educação. Cursa o 9º ano do ensino fundamental e três vezes na semana vai até o Núcleo, onde estuda física teórica e quântica, além de aulas de música com teclado e violão.

No ano passado ela apresentou pesquisa na Feira de Tecnologias, Engenharias e Ciências da UFMS, que mostra a aplicação da física quântica no cotidiano das pessoas. A tese selecionada vai ser apresentada na Universidade de São Paulo (USP).

Disponível em: http://www.fatimanews.com.br/noticias/campograndense-de-12-anos-e-aprovada-em-vestibular-da-ufms_142858/ Acesso em 01 de fev. de 2013.

Nesta atividade, também é possível propor um quadro comparativo a ser preenchido pelo aluno:

Estrutura do <i>Lead</i> de uma notícia	Elementos da Narrativa
Quem?	Personagem
O quê?	Enredo
Quando?	Tempo
Onde?	Espaço

O aluno será levado a perceber, a partir deste breve cotejo, que uma das principais distinções a ser apontada entre uma crônica – que normalmente está baseada em fatos cotidianos – e uma notícia é o fato de a última não pertencer ao mundo ficcional.

Por outro lado, quando apresentar aos alunos uma crônica que possua o caráter de comentário ou reflexão sobre um determinado tema (como ocorre em “Elogio da Morte”), pode-se mostrar, caso haja tempo, um esquema de análise diferenciado para o texto. Apresentamos, a seguir, nossa sugestão:

Quadro 1 – Esquema de análise diferenciada para um texto

Título da crônica – possível indicador da posição assumida pelo cronista perante o tema.
Introdução – apresentação do fato que motivou a escritura da crônica.
Desenvolvimento – consiste na reflexão do cronista sobre o fato ou pessoa que motivou a crônica.
Conclusão – apresentação de uma ideia global, que sintetiza e traz à evidência o resultado da reflexão do autor.

PASSO 4 - Utilizando os discursos direto e indireto

Depois dos passos sobre elementos da narrativa, os alunos podem observar que o envolvimento ou não das vozes das personagens no discurso do narrador determina que tipo de discurso foi utilizado: o direto ou o indireto. O **discurso direto** é a reprodução textual da fala das personagens, e o **discurso indireto**, a incorporação da fala das personagens à linguagem do narrador.

Para trabalhar o assunto, pode ser proposta uma atividade em dupla que tanto pode ser feita oralmente quanto na forma escrita, conforme a disponibilidade de tempo do professor.

Em dupla, um aluno conta para o outro a situação mais divertida ou maluca que vivenciou. Em seguida, o colega que ouviu a história irá recontá-la para a turma. Nesta atividade, é importante que a turma escute as duas versões para perceber a diferença entre o discurso direto que será utilizado por quem vivenciou a história e o discurso indireto que será utilizado pelo aluno que a contará enquanto pessoa externa ao fato.

Após esta etapa, você já pode instrumentalizar os alunos por meio da apresentação, a partir da própria da atividade feita pelas duplas, com as principais mudanças que ocorrem na transposição do discurso direto para o indireto.

Quadro 2 – Discurso Direto e Discurso Indireto

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
VERBOS	
Presente do Indicativo Todos os presentes disseram:	Imperfeito do Indicativo Todos os presentes disseram que não <i>votavam</i> nele.

- Não <i>votamos</i> nele.	
Perfeito do Indicativo O moço perguntou: - Ele não <i>assinou</i> o requerimento?	Mais-que-perfeito do Indicativo O moço perguntou se ele não <i>assinara</i> (<i>tinha assinado</i>) o requerimento.
Futuro do Presente O mecânico garantiu: - Eu <i>consertarei</i> a moto.	Futuro do Pretérito O mecânico garantiu que <i>consertaria</i> a moto.
Presente do Subjuntivo - Duvido que a assembleia <i>aprove</i> a proposta – disse-lhe o sindicalista.	Imperfeito do Subjuntivo O sindicalista disse-lhe que duvidava que a assembleia <i>aprovasse</i> a proposta do governo.
Futuro do Subjuntivo A garota disse: - Só sairei quando ele <i>chegar</i> .	Imperfeito do Subjuntivo A garota disse que só sairia quando ele <i>chegasse</i> .
Imperativo - Passe-me o sal – pediu-me ela.	Imperfeito do Subjuntivo Ela pediu-me que lhe <i>passasse</i> o sal.
PRONOMES	
eu, nós, você(s), senhor(a)(s) A garota afirmou: - <i>Eu</i> amo ler.	ele(s), ela(s) A garota afirmou que <i>ela</i> amava ler.
meu(s), minha(s), nosso(a)(s) - <i>Meus</i> pais participarão da campanha – disse o menino.	seu(s), sua(s) dele(a)(s) O menino disse que <i>seus</i> pais participariam da campanha.

este(a)(s), isto, isso - <i>Isso</i> lhe pertence? – perguntou	aquele(a)(s), aquilo Ele(a) perguntou se <i>aquilo</i> lhe pertencia.
ADVÉRBIOS	
ontem, hoje, amanhã - <i>Hoje</i> não posso atendê-lo – disse o dentista.	no dia anterior, naquele dia, no dia seguinte O dentista disse que <i>naquele dia</i> não podia atendê-lo.
aqui, cá, aí - Não entro mais <i>aqui!</i> – afirmou Ivo.	ali, lá Ivo afirmou que não entrava mais <i>ali</i> .

Como avaliar?

Inicialmente, deve-se verificar se o aluno é capaz de diferenciar dados ficcionais e não-ficcionais, como é proposto no primeiro passo. Este conhecimento servirá de base para que ele compare adequadamente a estrutura da notícia e a da crônica narrativa no passo seguinte. Nesta segunda atividade, é importante que você verifique se ele foi capaz de identificar os elementos que compõem cada texto e, conseqüentemente, cada gênero textual apresentado. Na parte final sobre discurso direto e indireto, você deve avaliar se o aluno foi capaz de realizar a transposição de um discurso para o outro, realizando, além das alterações estruturais necessárias, a manutenção do conteúdo do texto original.

Sequência didática 2: A coordenação

Esta segunda sequência didática explora dois descritores de uso da língua que tratam do processo de coordenação sintática previstos para serem trabalhados neste ciclo. Nesta etapa, que apresenta dois passos, o objetivo é introduzir o estudo sobre a coordenação no que diz respeito às suas principais características e papel na coesão

textual.

Uso da Língua:

- Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação.
- Relacionar o uso das conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências.

INTRODUÇÃO

No que diz respeito ao trabalho com as habilidades “Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação” e “Relacionar o uso de conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências”, é importante, inicialmente, que os alunos tenham sistematizado os conceitos de frase, oração e período.

Como pretendemos que os alunos tenham uma visão crítica perante a abordagem da gramática tradicional sobre os mecanismos responsáveis pelo encadeamento das orações dentro dos textos, e que essa abordagem parta da análise do período composto, é necessário que os alunos estejam familiarizados com essa nomenclatura, ainda que ela não seja o nosso foco maior.

Sempre utilizando o texto como unidade de análise, há diversos caminhos a serem apresentados aos alunos. Você pode explorar, inicialmente, por exemplo, a perspectiva da gramática tradicional, de acordo com a qual a articulação das orações é examinada a partir da análise do período composto.

Nessa perspectiva, o período composto pode ser estruturado por meio do processo da coordenação e da subordinação. A diferença entre coordenação e

subordinação, nessa abordagem, reside no fato de que as orações coordenadas são independentes umas das outras no plano sintático, enquanto as subordinadas são dependentes.

Ao explicitar essa visão, você pode ressaltar que, embora as orações coordenadas não exerçam funções sintáticas umas sobre as outras, não se pode esquecer a relação de dependência semântica que as mesmas mantêm entre si. Essa é a segunda perspectiva sob a qual o tema coordenação deve ser apresentado aos alunos, ou seja, sob a ótica do exame das relações semânticas entre as orações.

Normalmente a gramática tradicional aborda o processo da coordenação – e também o da subordinação – de modo bastante fragmentado, não enfatizando a devida importância que o mesmo possui na construção dos textos do ponto de vista da coesão e coerência. Busque reforçar tal relevância junto aos nossos alunos, para que consigam desfazer o mito de que alguns processos sintáticos precisam apenas ser decorados.

O estudo da coordenação deve propiciar ao aluno a compreensão de que esse processo é um dos mecanismos que fazem o texto progredir. Assim, se procedemos a uma análise sob a perspectiva da linguística do texto, devemos ter em mente que a progressão é realizada através de sucessivos encadeamentos. Por meio do encadeamento, que pode ser feito pela justaposição ou conexão, são estabelecidas relações semânticas e/ou discursivas entre orações, enunciados e seqüências maiores do texto.

Na justaposição, as orações apresentam-se em cadeia sem a presença de um conectivo: é o que a gramática tradicional chama de orações coordenadas assindéticas, ou seja, sem síndeto (conjunção). Quando o encadeamento é feito por meio de conectivos, a gramática tradicional atribui a nomenclatura das orações de acordo com as conjunções coordenativas que as introduzem: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

É importante ressaltar que não devemos desprezar a abordagem da gramática tradicional, mas sugerimos que você, sempre que possível, apresente a visão tradicional, buscando complementá-la e contrastá-la com as abordagens que consideram o texto a principal unidade geradora de sentidos. Essa atitude, ao mesmo tempo em que estimula a postura crítica dos alunos perante os conteúdos curriculares, faz com que estes sejam percebidos como parte das nossas práticas discursivas do dia a dia, e não como recursos estanques dos quais nunca lançamos mão.

PASSO 1- Diferenciando coordenação de subordinação

A sucessão de períodos na organização textual é o meio pelo qual o aluno será capaz de relacionar, de forma consciente, uma determinada conjunção a um valor semântico específico e, assim, construir os significados globais do texto. A partir desta percepção e, sabendo-se que é fundamental que os mecanismos de encadeamento sejam expostos aos alunos no interior dos textos e não em frases soltas nas quais não é possível trabalhar plenamente com a concepção de encadeamento, apresentamos o passo 1.

Neste passo, a proposta é diferenciar inicialmente o processo de coordenação do de subordinação no período composto. No primeiro processo, as orações são independentes sintaticamente, embora apresentem dependência semântica. É, em essência, um processo de encadeamento de ideias. No segundo, há uma hierarquização de funções em que uma oração (a subordinada) depende semântica e sintaticamente de outra oração (a principal). Observando o fragmento da crônica “História de pai”, de Luís Fernando Veríssimo, alguns exemplos de orações coordenadas e subordinadas podem ser destacados.

Histórias de pai

Luís Fernando Veríssimo

Todo pai conhece estas histórias, os filhos não acreditam que crescer é perigoso. Não adianta você avisar: "Continue criança, não pense, não saia daqui, não cresça". [...]

Tem a história daquele pai que concebeu dois filhos do barro, Adão e Eva. [...]. O Adão ainda era acomodado, mas a Evinha... Um dia o pai a pegou descascando uma banana. Nem ele sabia o que a banana tinha por dentro, mas a danada da menina descobriu e antes que ele pudesse dizer "Dessa fruta não co..." ela já tinha comido e gostado. Foi então que ele decidiu impor sua autoridade paterna [...] e determinar que frutas do quintal podiam e não podiam ser comidas e escolheu uma fruta como a mais proibida de todas, pois se comesse dela a menina saberia. E Eva comeu da fruta mais proibida, claro, e o pai foi tomado de grande tristeza. [...]

— O que é que eu sei de tão terrível que não sabia antes? — perguntou Eva, ainda mastigando a fruta proibida.

— Que você pode desobedecer.

E Eva cresceu diante dos olhos do pai e *no momento seguinte já estava dizendo que queria morar sozinha* e fazer bolsa de inglês em Nova York e saber como era o mundo lá fora. [...]

Apesar da má experiência com os dois primeiros, o pai teve muitos outros filhos. Mas criou-os com energia e disciplina, sempre atento a qualquer sinal de rebeldia, a qualquer repetição da síndrome de Eva. [...] A qualquer manifestação de dúvida, reagia.

— Pai, por que...

— Quietos.

Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/10940016/Cronicas-Selecionadas-Do-Jornal-Estadao-Luis-Fernando-Verissimo> Acesso e: 28 de jan. 2013

As passagens a seguir exemplificam o processo da coordenação:

a) *“Continue criança, não pense, não saia daqui, não cresça”*

b) *“E Eva comeu da fruta mais proibida, claro, e o pai foi tomado de grande tristeza.”*

Pode-se notar que em *a*, as quatro orações “Continue criança”, “não pense”, “não saia daqui”, “não cresça”, são independentes do ponto de vista sintático. Ainda em relação à letra *a*, pode-se verificar que não foi utilizado qualquer tipo de conjunção (sínreto) para ligar as orações. É por este motivo que tais enunciados são chamados **orações coordenadas assindéticas**.

A letra *b*, por outro lado, apesar de também apresentar orações que possuem independência sintática uma da outra, entre “Eva comeu a fruta mais proibida” e “e o pai foi tomado de grande tristeza” foi utilizada a conjunção **e** para fazer a ligação entre as informações. Quando isso ocorre, a oração em que há o uso de conjunção é chamada **oração coordenada sindética**.

Como exemplos do processo de subordinação, temos as seguintes passagens da crônica lida:

c) “Tem a história daquele pai que concebeu dois filhos do barro”

d) “no momento seguinte já estava dizendo que queria morar sozinha”

Nas passagens *c* e *d*, diferentemente dos enunciados *a* e *b*, há uma relação de dependência sintática e semântica entre os enunciados, que são compostos por uma oração principal e uma subordinada. Em *c*, “Tem a história daquele pai” (oração principal) e “que concebeu dois filhos do barro” (oração subordinada) são orações que não possuem sentido completo sozinhas. O mesmo ocorre em *d*, em que as orações “no momento seguinte já estava dizendo” (oração principal) e “que queria morar sozinha” (oração subordinada) necessitam uma da outra para se complementarem sintática e semanticamente.

Ressalta-se que a aprendizagem do aluno se torna mais fácil e eficiente quando, ao se trabalhar o conteúdo coordenação X subordinação, enfatiza-se que ele deve perceber se esta ou aquela oração é independente ou dependente no contexto em que está inserida, em vez de privilegiar conceitos muito fechados que envolvem o tema.

Assim, por meio desta perspectiva, propõe-se como atividade que o aluno analise fragmentos de algumas crônicas e identifique se as orações destacadas são independentes ou dependentes nos contextos em que se apresentam e percebam de que maneira as relações sintáticas contribuem para a progressão de ideias que o autor queira imprimir.

I) Analise as passagens destacadas nas crônicas e identifique se tais enunciados são dependentes ou independentes de outros nos contextos em que se apresentam .

“Ninguém ama outra pessoa pelas qualidades que ela tem (1), caso contrário os honestos, simpáticos e não fumantes teriam uma fila de pretendentes batendo a porta”.

O amor não é chegado a fazer contas (2), não obedece à razão (3). O verdadeiro amor acontece por empatia, por magnetismo, por conjunção estelar.

Ninguém ama outra pessoa porque ela é educada (4), veste-se bem e é fã do Caetano. Isso são só referenciais.” (Crônica do Amor – Arnaldo Jabor)

(1) _____

(2) _____

(3) _____

(4) _____

b)

“- Ateu, não: agnóstico”.

- Pois eu te dou quinhentas pratas se você me disser o que quer dizer essa palavra (5).
- Ora, para começar você não tem quinhentas pratas. Estou conversando a sério (6) e você me vem com molecagem. Acho que Deus é uma coisa, os padres outra.” (Ateu, não: agnóstico – Fernando Sabino)

(5) _____

(6) _____

c)

“Manoel foi pro céu. O que o surpreendeu muito. Ateu, descrente total, a última coisa que esperava era descobrir que há vida depois da morte (7). Mas morreu e quando abriu os olhos (8) se viu numa sala de espera cheia de gente, com uma senha na mão, esperando para ser chamado para uma entrevista. Não havia um grande portão dourado, como vira em mais de uma representação da entrada do céu (9), e aparentemente São Pedro não era mais o porteiro (10). Fora substituído por recepcionistas com computadores que faziam a triagem dos recém- chegados. Mas o resto era igual ao que as pessoas imaginavam: nuvens, todo mundo de camisola branca, música de harpa...” (A vida eterna – Luís Fernando Veríssimo)

(7) _____

(8) _____

(9) _____

(10) _____

A solução da questão proposta é:

- | | |
|------------------|-------------------|
| (1) dependente | (6) independente |
| (2) independente | (7) dependente |
| (3) independente | (8) dependente |
| (4) independente | (9) dependente |
| (5) dependente | (10) independente |

PASSO 2- Percebendo os efeitos de sentido das conjunções

Passando à segunda etapa de trabalho, o aluno já tem o conhecimento de que as orações coordenadas são independentes sintaticamente entre si, sendo às vezes introduzidas por conjunção (**orações coordenadas sindéticas**) e outras vezes não (**orações coordenadas assindéticas**). Agora, ele será levado a perceber os variados sentidos que as conjunções coordenativas produzem nas sequências em que estão inseridas.

Observando novamente o fragmento da crônica “Histórias de pai”, apresentado no passo 1, podemos analisar dois enunciados diferentes no que diz respeito aos efeitos de sentido das conjunções:

- a) “E Eva cresceu diante dos olhos do pai e *no momento seguinte já estava dizendo que queria morar sozinha* e fazer bolsa de inglês em Nova York e saber como era o mundo lá fora.”
- b) “*Nem ele sabia o que a banana tinha por dentro, mas a danada da menina descobriu*”.

Na letra *a*, pode-se notar que as orações “E Eva cresceu diante dos olhos do pai”, “e *no momento seguinte já estava dizendo que queria morar sozinha*”, “e fazer bolsa de inglês em Nova York” e “e saber como era o mundo lá fora” são unidas pela conjunção “e”, que funciona no contexto como um elo coesivo de acréscimo de ideias. É por isto que tais orações, introduzidas pela conjunção “E”, são classificadas como **orações coordenadas sindéticas aditivas**.

Já na letra *b*, as orações são unidas pela conjunção “mas” com o objetivo de contrastar informações. Dessa forma, a oração “Nem ele sabia o que a banana tinha por dentro” é classificada como **oração coordenada assindética** e “mas a danada da menina descobriu”, que é introduzida pela conjunção em questão, é classificada como **oração coordenada sindética adversativa**.

Como mostra o quadro a seguir, as orações coordenadas sindéticas se dividem em cinco tipos, de acordo com os valores das conjunções utilizadas:

Quadro 3 – Tipos de orações coordenadas sindéticas

Aditivas	Relacionam orações de modo que a segunda estabeleça uma ideia de acréscimo em relação à primeira.
	Conjunções: e, nem, não só... mas também, não só... como, assim... como
Conclusivas	Relacionam orações de tal modo que aquilo que se afirma na segunda é consequência ou conclusão (resultado, efeito) do que se declara na primeira.
	Conjunções: logo, pois, portanto Locuções conjuntivas: por isso, por conseguinte, por consequência
Explicativas	Relacionam orações de tal modo que a segunda apresenta o motivo ou explicação (razão, justificativa) do que se declara na primeira.
	Conjunções: pois, porque
Adversativas	Relacionam ideias que se opõem.
	Conjunções: mas, porém, contudo, entretanto, no entanto, todavia
Alternativas	Relacionam ideias que se excluem ou alternam.
	Conjunções: ou; ou...ou; quer...quer; ora...ora; seja...seja; já...já

Nesta etapa, a proposta é também levar o aluno a analisar passagens destacadas em algumas crônicas e requisitar que ele identifique o efeito de sentido que a conjunção imprime ao enunciado.

II) Leia os fragmentos e identifique a relação de sentido que a passagem destacada imprime ao contexto (Adição, Adversidade, Explicação, Conclusão, Alternativa):

a)

O tímido tenta se convencer de que só tem problemas com multidões, mas isto não é vantagem (1). Para o tímido, duas pessoas são uma multidão. Quando não consegue escapar e se vê diante de uma platéia, o tímido não pensa nos membros da platéia como indivíduos. Multiplica-os por quatro, pois cada indivíduo tem dois olhos e dois ouvidos. Quatro vias, portanto, para receber suas gafes. Não adianta pedir para a platéia fechar os olhos, ou tapar um olho e um ouvido (2) para cortar o desconforto do tímido pela metade. Nada adianta. O tímido, em suma, é uma pessoa convencida de que é o centro do Universo, e que seu vexame ainda será lembrado quando as estrelas virarem pó. (Da Timidez- Luís Fernando Veríssimo)

(1) _____

(2) _____

b)

“Foi tudo muito rápido”.

A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou.

Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. Ainda meio zozna, atravessou-o e viu uma miríade de pessoas. Todas vestindo cândidos camisolões e caminhando despreocupadas. Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes:

-Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo (3). Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro (4). Onde é que nós estamos?

- No céu.” (A executiva no céu - Max Gehringer)

(3) _____

(4) _____

As respostas para a questão II são:

1. adversidade;
2. alternativa;
3. explicação;
4. adição.

Os textos da questão 2 também podem ser trabalhados por meio de uma proposta de interpretação textual, a partir da análise dos efeitos de sentido das conjunções coordenativas. Assim, teríamos:

III) Observe as passagens destacadas nas crônicas e responda:

a) Na crônica “A timidez”, quais são as duas ideias que a conjunção “mas” opõe?

b) Reescreva a passagem “Não adianta pedir para a platéia fechar os olhos, ou tapar um olho e um ouvido” da crônica “A timidez”, substituindo o enunciado destacado por outro equivalente no contexto.

c) Observe a passagem da crônica “A executiva no céu”: “Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um *meeting* importantíssimo.”

c.1) Reescreva-a substituindo a conjunção explicativa “porque” por outra equivalente.

c.2) Reescreva- a, fornecendo uma explicação diferente.

Como Avaliar?

Para avaliar esta sequência didática, você deve reforçar junto aos alunos que eles não devem, na tentativa de não cometer erros nas atividades propostas, decorar as conjunções e seus respectivos valores semânticos. Enfatize que a “decoreba” muitas vezes nos induz ao equívoco, tendo em vista que uma mesma conjunção pode assumir diferentes significações em função do contexto no qual estão inseridas. Assim, você deverá observar se eles perceberam a relação de independência sintática que as orações coordenadas apresentam, além dos possíveis sentidos que as conjunções propiciam ao enunciado em que estão inseridas.

Sequência didática 3: A produção da crônica

Esta terceira sequência didática explora um descritor de leitura, um de uso da língua e o de produção textual previstos para o ciclo. Em três passos, são sugeridas atividades com o objetivo de conscientizar o aluno a respeito do papel da crônica na literatura nacional e de levá-lo a elaborar um texto deste gênero.

Leitura:

- Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional

Uso da Língua:

- Reconhecer adequadamente a paragrafação e a pontuação.

Produção textual:

- Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.

INTRODUÇÃO

Com o intuito de auxiliar o aluno na habilidade de “Reconhecer a importância da crônica na literatura nacional”, uma estratégia importante é utilizar um determinado tempo do seu plano de aula para contemplar a história da crônica em nosso país. Pode-se começar a atividade partindo da acepção da palavra.

A palavra “crônica”, em sua etimologia, está relacionada ao vocábulo grego “*khronos*”, que significa tempo. De *khronos* nasceu *chronikós*, que significa “relacionado ao tempo”. Na língua latina, existia a palavra “*chronica*”, empregada para designar o gênero que fazia o registro dos acontecimentos históricos, obedecendo a uma sequência cronológica.

Como a própria origem do nome comprova, a crônica é um gênero textual que existe desde a Antiguidade e vem sofrendo transformações ao longo do tempo. Os primeiros cronistas relatavam, sobretudo, acontecimentos históricos que diziam respeito a pessoas de linhagem nobre, como reis, rainhas, imperadores etc.

Inicialmente, a crônica tinha por finalidade narrar histórias maravilhosas e lendárias, conhecidas como *crônicas medievais*. Entretanto, foi ao longo da tradição humanista portuguesa que o cronista passou a ser reconhecido como um escritor profissional. Nesse período, foi merecedor de destaque Fernão Lopes, cronista-mor da Torre do Tombo, que tinha como incumbência registrar a história dos reis de Portugal. Nesse sentido, a crônica poderia ser considerada como uma forma preliminar da historiografia moderna.

Também de autoria de um português é o texto considerado como a primeira crônica redigida no Brasil. A *Carta de Pero Vaz de Caminha*, endereçada a D. Manuel, não simplesmente contém o registro da “descoberta” de nossas terras, como também figura como a primeira crônica nacional. A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D.

Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento.

Ainda que o texto tivesse uma finalidade específica – dar ao rei de Portugal “boas novas” da terra encontrada – e que tenha recebido o nome de *Carta a El Rey Dom Manuel*, não se pode negar que é uma recriação artística e engenhosa da realidade e, por essa razão, salientou Jorge de Sá que a *Carta de Caminha* é “criação de um cronista no melhor sentido literário do termo”⁷.

Teria nascido aí uma das grandes vocações da crônica no Brasil, ou seja, “registrar o circunstancial”. Muito já se discutiu a respeito daquela que é considerada a Certidão de Nascimento do país, mas aqui ela apenas foi citada para demonstrar que um dos seus principais traços característicos remonta à literatura informativa. A crônica seria, então, uma **recriação da realidade em pequenas doses**. Pequenas porque, de fato, a curta extensão é uma de suas marcas, mas não é uma caracterização suficiente para torná-la singular.

No Brasil, a crônica contemporânea é um gênero que se consolidou em torno do século XIX, com o desenvolvimento da imprensa. A partir dessa época, muitos escritores passaram a registrar a vida social, a política, os costumes e fatos do cotidiano publicando seus escritos em jornais. Ou seja, de um modo geral, importantes escritores começam a usar as crônicas para registrar, de modo ora mais literário, ora mais jornalístico, os acontecimentos cotidianos de sua época.

Grandes nomes de nossa literatura escreveram crônicas em jornais: José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Raul Pompéia. Machado de Assis, por exemplo, trabalhava no jornal ao mesmo tempo em que cuidava de sua produção literária. Ao entrelaçar notícia e ficção, encontrou formas

⁷ SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987, p. 5-6.

para a produção de crônicas, escritas com uma linguagem em tom coloquial, como se o autor estivesse em conversa íntima com o leitor, como ocorre em seus romances.

Pode-se, além disso, trazer à luz o tom de crítica que muitos desses autores imprimem em seus textos também. Além de entreter o leitor com histórias leves, bem humoradas, a crítica social é também uma constante nesses textos. As crônicas-comentário – só para utilizar a nomenclatura proposta por Antonio Candido – apresentam-se como discussões sobre variados temas que primam por uma reflexão sobre mazelas que atingem a sociedade em diferentes formas.

Mesmo em crônicas predominantemente narrativas, essa possibilidade – de manutenção de tom de crítica social – é bastante comum. Como se trata de discussões de fatos do dia a dia, já seria de se esperar que na apresentação dos fatos houvesse discussões mais agudas sobre política, educação etc.

PASSO 1- Preparando uma antologia de crônicas

Enfatizando a relevância do gênero *crônica* no panorama literário brasileiro, seria interessante organizar com a turma uma antologia de crônicas, posterior à leitura voluntária de diferentes textos do gênero, a partir da seleção feita por eles. Cada aluno pode pesquisar e ler três (ou quantas quiser) crônicas de escritores da literatura nacional e selecionar uma para integrar a antologia. Você pode sugerir que ele procure em livros e na internet crônicas de autores como Luís Fernando Veríssimo, Fernando Sabino, Dalton Trevisan, Rubem Braga, Zuenir Ventura, dentre outros.

Em momento posterior, as crônicas selecionadas por eles podem ser encadernadas em formato de apostila, apresentando uma capa em que se explicita um título também criado pelos alunos e a turma responsável por este trabalho. Esse material pode ficar disponível na biblioteca da escola, sendo ainda possível ser feita uma roda de leitura em que cada aluno conta para a turma a história mais interessante que leu.

PASSO 2- Percebendo a importância da paragrafação e pontuação

Outro ponto relevante a ser trabalhado nesta sequência é o reconhecimento das funções que os sinais de pontuação podem desempenhar no texto. Mais do que elementos de pausa (no interior ou final das sentenças), alguns sinais (sobretudo a interrogação, a exclamação e as reticências) carregam junto a si forte carga semântica, sendo o contexto fundamental para determinarmos os sentidos que eles conferem aos enunciados. Neste contexto, ainda, em uma perspectiva mais ampla do que a frase, o aluno deve tomar ciência também da estrutura do parágrafo, observando a unidade temática, a coerência e a coesão presentes em seu interior.

Iniciando a atividade com a observação do parágrafo, você pode apresentar ao aluno uma determinada crônica e requisitar que ele identifique, em apenas uma frase, a ideia central presente em cada parágrafo. Para esta atividade, pode-se utilizar um fragmento da crônica “Os dois bonitos e os dois feios” de Rachel de Queiroz.

Os dois bonitos e os dois feios

Rachel de Queiroz

(...)

(...)Os dois heróis da minha história, tanto o feio como o bonito, eram vaqueiros do seu ofício. E as duas moças que eles amavam eram primas uma da outra — e apesar da diferença no grau de beleza, pareciam-se. Sendo que uma não digo que fosse a caricatura da outra, mas era, pelo menos, a sua edição mais grosseira.

(...)

De repente, não se sabe como, houve uma alteração. O bonito, inexplicavelmente, mudou. Deixou de procurar a sua bonita. Deu para rondar a casa da outra, a princípio fingindo um recado, depois nem mais esse cuidado ele tinha. (...)

Assim estava a intriga armada, quando a feia, certa noite, ao conversar na janela com o seu bonito que lá viera furtivo, (...) lhe disse baixinho:

— Você sabe que o outro já lhe jurou de morte?

(...)

Pois o bonito assustou. Deu para olhar o outro de revés, ele que antes vivia tão confiado, como se adiasse que a obrigação do coitado era lhe ceder a menina e ainda tirar o chapéu. Passou a ver mal em tudo.

(...)

Bem, as juras eram verdadeiras. O feio jurara de morte o bonito e não só de boca para fora, na presença da amada, mas nas noites de insônia, no escuro do quarto, sozinho no ódio do seu coração. Levava horas pensando em como o mataria — picado de faca, furado de tiro, moído de cacete.

(...)

Mas não deu certo. Isto é, deu certo do começo ao fim — só faltou o fim do fim. Pois logo no dia seguinte se encaminharam pela vereda, perseguindo um novilhote. O bonito na frente, o feio atrás, como previsto. Quando chegaram à curva que virava em procura do cumaru, o de trás ergueu o relho, bateu uma tacada terrível na garupa do cavalo da frente, que já era espantado do seu natural, e o animal desembestou. (...) O bonito sofreu afinal o cavalo. Podia ser medroso, mas não era burro, e uma raiva tão grande tomou conta dele, que até lhe destruiu o medo no coração.

(...)

— *Pensou que me matava, seu cachorro... Açoitou o cavalo de propósito, crente que eu rebentava a cabeça no pau... Um de nós dois tinha de morrer, não era? (...) Daí saiu para o mato, demorou-se um instante perdido entre as aves e voltou com o que queria — um galho de imburana da grossura do braço de um homem. Duas vezes malhou com o pau na testa do inimigo. Esperou um pouco para ver se o matara. E como lhe pareceu que o homem ainda tinha um resto de sopro, novamente bateu, sempre no mesmo lugar.*

E o bonito e a feia acabaram casando, pois o amor deles era sincero. Foram felizes. Ela nunca entendeu o que houvera, e remorso ele nunca teve, pois, como disse ao padre em confissão, matou para não morrer.

Disponível em: http://www.releituras.com/racheldequeiroz_menu.asp

Acesso em: 28 de jan 2013.

Para realizar a atividade, pode-se pedir ao aluno que preencha um quadro separando as ideias centrais do texto, como o que segue.

Ordem do parágrafo	Ideia central
1º parágrafo	<i>O feio e o bonito amam, respectivamente a feia e a bonita, que são primas e se parecem.</i>
2º parágrafo	<i>O bonito passa a se interessar pela feia.</i>
3º parágrafo e 4º parágrafo	<i>A feia revela para o bonito que o feio quer lhe matar.</i>
5º parágrafo	<i>O bonito fica com medo de morrer.</i>
6º parágrafo	<i>O feio arquiteta um plano para matar o bonito.</i>

7º parágrafo	<i>O plano do feio para matar o bonito não dá certo.</i>
8º parágrafo	<i>O bonito mata o feio</i>
9º parágrafo	<i>O bonito casa com a feia e confessa o crime ao padre.</i>

Na segunda etapa de trabalho, a proposta é levar o aluno a perceber onde se inicia e onde termina a ideia de cada parágrafo apresentado no texto. Neste contexto, é válido frisar para a turma a importância da identificação dos mecanismos de coesão (pronomes, advérbios, conectores) que fazem a ligação entre as informações fornecidas pelo autor.

A atividade, então, tem início quando o discente é apresentado ao texto sem que este apresente qualquer divisão em parágrafos. Em seguida, pode ser requisitado que ele circule os elementos de conexão do texto. Somente em seguida deve ser pedido ao aluno que identifique onde deve ocorrer a separação dos parágrafos.

Ressalta-se, neste ponto, que a identificação dos elementos coesivos não deve funcionar como um “macete” para identificar quando o parágrafo se inicia, mas sim como um momento em que o autor retoma uma ideia anteriormente apresentada sob outra perspectiva, fornece uma nova ideia sobre o assunto central, evita a repetição de termos etc.

Para este exercício, pode ser utilizado o fragmento da crônica “A casa Demolida”, de Stanislaw Ponte Preta.

A casa demolida

Sérgio Porto
(Stanislaw Ponte Preta)

Seriam ao todo umas trinta fotografias. Já nem me lembrava mais delas, e talvez que ficassem para sempre ali, perdidas entre papéis inúteis que sabe lá Deus por que guardamos. Esta era a escada, que rangia no quinto degrau, e que era preciso pular para não acordar Mamãe. Precaução, aliás, de pouca valia, porque ela não dormia mesmo, enquanto o último dos filhos a chegar não pulasse o quinto degrau e não se recolhesse, convencido que chegava sem fazer barulho. Isto aqui era a sala de jantar. A mesa grande, antiga, ficava bem ao centro, rodeada por seis cadeiras, havendo ainda mais duas sobressalentes, ao lado de cada janela, para o caso de aparecerem visitas. Quando vinham os primos recorria-se à cozinha, suas cadeiras toscas, seus bancos... tantos eram os primos! Rasgo as fotografias. De que vale sofrer por um passado que demoliram com a casa? Pedra por pedra, tijolo por tijolo, telha por telha, tudo se desmanchou. A saudade é inquebrantável, mas as fotografias eu também posso desmanchar. Vou atirando os pedacinhos pela janela, como se lá na rua houvesse uma parada, mas onde apenas há o desfile da minha saudade.

Disponível em: http://www.releituras.com/spontepreta_menu.asp Acesso em: 29 de jan. 2013

A divisão adequada deste texto em parágrafos seria a seguinte:

A casa demolida

Sérgio Porto
(Stanislaw Ponte Preta)

Seriam ao todo umas trinta fotografias. Já nem me lembrava mais delas, e talvez que ficassem para sempre ali, perdidas entre papéis inúteis que sabe lá Deus por que guardamos.

Esta era a escada, que rangia no quinto degrau, e que era preciso pular para não acordar Mamãe. Precaução, aliás, de pouca valia, porque ela não dormia mesmo, enquanto o último dos filhos a chegar não pulasse o quinto degrau e não se recolhesse, convencido que chegava sem fazer barulho.

Isto aqui era a sala de jantar. A mesa grande, antiga, ficava bem ao centro, rodeada por seis cadeiras, havendo ainda mais duas sobressalentes, ao lado de cada janela, para o caso de aparecerem visitas. Quando vinham os primos recorria-se à cozinha, suas cadeiras toscas, seus bancos... tantos eram os primos!

Rasgo as fotografias. De que vale sofrer por um passado que demoliram com a casa? Pedra por pedra, tijolo por tijolo, telha por telha, tudo se desmanchou. A saudade é inquebrantável, mas as fotografias eu também posso desmanchar. Vou atirando os pedacinhos pela janela, como se lá na rua houvesse uma parada, mas onde apenas há o desfile da minha saudade.

Como terceira atividade deste passo, sugerimos um exercício de reescritura que envolve o emprego adequado de pontuação, dos mecanismos de coesão e a percepção da coerência textual.

Nesta proposta, é fornecido ao aluno um texto totalmente oral, em que há predomínio da linguagem coloquial com estruturas coesivas que refletem esta modalidade textual, como “aí”, “eh”, pausas e repetições de palavras. Deve ser requisitado ao aluno que reescreva, na modalidade escrita, este texto, em um ou dois parágrafos, fazendo uso da norma culta.

O aluno perceberá, ao longo deste exercício, que precisará “enxugar” o texto, já que, na oralidade, o falante tem uma tendência a elaborar um discurso mais longo e repetitivo. Além disso, deverá ter atenção especial com relação ao emprego dos sinais de pontuação e dos elos coesivos.

Além de paragrafação e pontuação adequadas, é interessante que você requirite ao aluno que elabore este texto escrito já com um estilo de crônica. Neste contexto, ao apresentar os fatos narrados do texto oral, ele deverá realizá-lo sob o seu ponto de vista particular, inserindo no texto a sua visão do caso concreto.

O texto proposto é uma narrativa em que uma mulher conta uma história que ocorreu com um amigo de seu marido.

Texto Oral

eu vou contar uma história triste... eh::... o:: meu marido tem um amigo... que::... ele era:: esportista... acho que ele era nadador... profissional... e ele/ apareceu um::... um... negócio nas costas dele que ele não sabia o que que era... aí ele foi ao médico... aí o médico olhou e falou que era uma doença lá... alguma coisa que ele ia ter que o/ eh... fazer uma cirurgia... e era uma cirurgia simples... mas que não tinha ainda na época uma tecnologia... que pudesse::/ que ele pudesse fazer essa cirurgia no Brasil... então ele ia ter que ir à França... e o médico dele foi à França... justamente por causa dele... que era um caso raro... e:: o/ quem ia operar ia ser o próprio médico dele... mas orientado por uma equipe francesa... então o médico dele foi primeiro... e:: eles estudaram o caso lá desse rapaz... eh::... só que o médico teve que voltar antes... e depois ia(m) retornar à França com o rapaz pra cirurgia... aí esse rapaz foi ao consultório do médico... assim que:: o médico chegou no Brasil... e o médico falou que não... que ia tentar fazer a cirurgia aqui... e já não deixou ele sair... ir pra casa... mas ele falo/ e o rapaz falou “não... mas... não era pra gente fazer a cirurgia lá:: com a equipe?” ele falou “não... não... eu já aprendi tudo com eles... eu vou fazer a cirurgia” aí o rapaz... na ingenuidade dele... deixou... aí:: eu sei que o rapaz foi pra lá dirigindo... né? fez a cirurgia... e:: ficou paraplético... eh:: o médico/ a família nem processou o médico... mas era um caso de processo porque a/ quem/ a equipe/ tinha que ser feito em equipe... e a equipe era/ estava na França... e:: o rapaz ficou paraplético... quer dizer o lado... o lado bom é que hoje ele é campeão... de:: natação... né? de:: parapléticos... já foi à olimpíada e tudo... tem um monte de medalha... quer dizer... isso não/ ele não parou de nadar por causa disso... levou adiante... mas hoje está numa cadeira de roda... né?

PASSO 3 - Elaborando uma crônica

O passo três visa que o aluno seja capaz de, individualmente ou em grupo, elaborar uma crônica – que tanto pode ser do tipo narrativa ou do tipo comentário – a partir da notícia que segue. Para auxiliá-lo a dar início à atividade, sugere-se um debate sobre o fato apresentado, discutindo suas causas, consequências reais ou verossímeis etc. Ressalte para o discente que o texto dado deve ser o fio condutor de sua crônica, já que uma das características principais deste gênero é a análise do cotidiano.

Bebê quase cai de janela após mãe deixar filhos sozinhos em casa

*Mãe foi presa por cometer crime de abandono de incapaz.
Pena pode chegar a quatro anos de prisão*

10/10/2012 20h42 - Atualizado em 10/10/2012 20h42

Uma mãe foi presa, na tarde desta quarta-feira (10), na Penha, no subúrbio do [Rio de Janeiro](#), por deixar dois filhos – uma menina de 6 anos e um menino de 1 ano e 3 meses – em casa, sozinhos. De acordo com o delegado-assistente Flávio Loureiro, da 22ª DP (Penha), por muito pouco o bebê não caiu do quarto andar do prédio onde a família mora.

“O policial militar que atendeu à ocorrência, chamado por vizinhos, contou que ficou muito chocado ao ver a criança no parapeito da janela”, disse o delegado.

A mãe, a dona de casa Alessandra Beatriz Dias dos Santos, de 24 anos, contou em depoimento que tinha ido à farmácia, com outro filho, de 3 anos. “O PM relatou que, quanto mais tumulto no térreo do prédio, por conta da aglomeração de pessoas, mais a criança colocava a cabeça para fora da janela, para ver, curiosa”, contou Loureiro.

De acordo com o delegado, os PMs conseguiram subir até o andar onde a família mora e encontraram a porta encostada. Quando entraram, a menina de 6 anos estava dormindo em uma rede e o menino, no parapeito, de onde foi resgatado pelos policiais. Quando a mãe chegou, foi encaminhada para a delegacia.

Mãe responderá por abandono de incapaz

Segundo o delegado, as crianças não apresentam indícios de maus tratos. “De toda forma, foram encaminhadas para o Instituto Médico Legal para fazer exame de corpo de delito”, afirmou Loureiro.

Até o início da noite, Alessandra permanecia presa. A família tenta conseguir o dinheiro para pagar a fiança de R\$ 650. A mãe vai responder por abandono de incapaz e pode pegar até quatro anos de prisão.

De acordo com o delegado, as crianças devem ficar com a avó materna. “Mas caso ninguém da família tenha condições de ficar com elas, o Conselho Tutelar já foi acionado para o caso de ser necessário levá-las para um abrigo”, finalizou Loureiro.

Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/10/bebe-quase-cai-de-janela-apos-mae-deixar-filhos-sozinhos-em-casa.html> Acesso em 23 de jan de 2013.

Como avaliar?

Em relação à montagem da antologia de crônicas, que sugerimos no primeiro passo, é interessante que seja realizada pelos alunos preferencialmente fora do decurso da aula de português (pode ser feita em casa, na biblioteca da escola, na sala de

informática etc.). É importante avaliar a pertinência dos textos nela incluídos quanto à natureza do gênero, não fazendo juízo de valor com relação a autores que não façam parte do cânone. Acima de tudo, o que almejamos é o contato maior do aluno com a leitura para além do tempo semanal dedicado à escolarização formal.

Quanto ao descritor de uso da língua, que envolve habilidades de paragrafação e pontuação, é relevante avaliar se o aluno assimilou a noção da unidade temática do parágrafo e se ele é capaz de transpor para o texto escrito, por meio dos sinais de pontuação, a intenção e as emoções que o autor transmite em seu texto oral. E, por fim, no que diz respeito à elaboração da crônica, você deve avaliar se o aluno foi capaz de elaborar, a partir de um texto jornalístico, uma crônica, quer seja narrativa ou expositiva, sobre o tema proposto. Nesta atividade de produção, também é possível avaliar o uso adequado dos sinais de pontuação e a divisão do texto em parágrafos.

Para que o professor não se limite a essas sugestões e possa ampliar o planejamento de suas aulas e avaliações, listamos e comentamos, a seguir, algumas das mais significativas e acessíveis publicações que podem enriquecer o trabalho com as habilidades focalizadas neste ciclo.

LEITURA

Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional.

Textos teóricos

CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

O livro mostra como muitos autores, de maior ou menor representação, contribuíram para a fixação do gênero em nossa cultura literária. Destacamos a apresentação inicial “*A vida ao rés do chão*”, leitura fundamental para aprofundarmos nossos

conhecimentos sobre a história da crônica no Brasil.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Este livro, de 354 páginas, é uma seleção de crônicas brasileiras desde o ano de 1850 até os dias mais atuais. Ao fim do livro, há um índice por nome dos autores e as referências bibliográficas. A obra pode ser utilizada por você tanto para pesquisar crônicas para uso nas aulas, como para ajudar na atividade da montagem da antologia de crônicas proposta anteriormente.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

O livro de Jorge de Sá, professor da Universidade Federal Fluminense, de 94 páginas, integra a coleção Princípios. Nele, o autor resgata a importância do gênero narrativo crônica, considerado “menor” pela crítica literária. Após definir o gênero e apontar suas características enquanto estrutura de narração, estabelece uma metodologia de análise. Para tanto, remete o professor aos mais representativos escritores-cronistas: Rubem Braga, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Stanislaw Ponte Preta.

Distinguir texto ficcional e não-ficcional; fato e opinião.

Livros didáticos

CEREJA, Willan Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: Linguagens**. 7ª série, 4ª ed. São Paulo: Editora Atual, 2006.

Entre as páginas 78 e 82 e entre as páginas 91 e 93, os autores exploram o gênero textual crônica. No primeiro momento, é apresentada a crônica *Na escuridão miserável*, de Fernando Sabino. O texto é acompanhado de questões de interpretação de texto que envolvem os elementos da narrativa, o binômio ficção/não-ficção e o emprego formal/informal da língua. Depois das questões, é apresentada uma proposta de produção textual que tem por base a experiência cotidiana do aluno. Na página 91, é apresentada a crônica *Tatuagem*, de Moacyr Scliar, que foi inspirada no noticiário do jornal. Após o texto, figuram duas diferentes notícias a serem utilizadas pelos alunos como material para a produção de crônicas.

DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. **Português: ideias e linguagens**. 7ª série, 12ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

Na página 132, é apresentada a crônica *Os jornais*, de Rubem Braga. O texto funciona como o ponto de partida para a discussão sobre a temática das notícias comumente publicadas nos jornais e favorece a discussão sobre a natureza não-ficcional da notícia em oposição à natureza ficcional da crônica. O texto vem acompanhado de dez questões que trabalham a construção dos sentidos e a tipologia do narrador.

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Textos Teóricos

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

Neste livro, a autora preocupa-se em relatar toda a polêmica travada na tradição literária clássica, uma vez estabelecida a relação entre personagem e pessoa humana, até a decadência de tal visão com a chegada dos formalistas russos. Assim, o professor encontra orientações para refletir sobre a concepção da personagem e sobre sua variação no decorrer de um percurso crítico, desde Aristóteles até as modernas perspectivas teóricas.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

Em seu livro, a professora e pesquisadora Cândida Vilares sumariza, com extremo rigor, as possibilidades estruturalistas de análise de romances e contos. Após focalizar a evolução do gênero narrativo – da epopeia ao romance burguês – a autora aborda os elementos da narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço, ambiente e narrador. O livro é enriquecido pelas considerações sobre tema, assunto, mensagem, ponderações sobre o tipo de discurso e, finalmente, comentários práticos que contemplam a análise de diferentes textos narrativos. De maneira didática, o livro associa a clareza no tratamento dos conceitos a uma seleção de textos literários que você pode analisar junto aos alunos.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. São Paulo: Ática, 1991.

Neste livro, a professora faz uma exposição didática e sistemática do importante recurso artístico em que se configura o foco narrativo. O livro apresenta, de forma simples, um instrumento técnico que contribui para a análise de textos narrativos ficcionais.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2000.

O livro *Gêneros Literários*, de Angélica Soares, já se tornou um clássico na área a que se dedica. Destacamos as páginas 42 a 54. A autora analisa cuidadosamente os principais elementos da narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço e ponto de vista. O livro serve como uma importante ferramenta a instrumentalizar o professor no trabalho com essas categorias de análise.

USO DA LÍNGUA

Reconhecer e usar adequadamente a paragrafação e a pontuação.

Texto Teórico

GARCIA, Othon. M. **Comunicação em prosa moderna**. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

Nos 3 primeiros capítulos da terceira parte do livro, Othon Moacyr aborda a questão da paragrafação e dos diferentes tipos de parágrafos. Há, inclusive, um tópico exclusivo para o parágrafo dos textos narrativos. Aqui são encontradas dicas de elaboração de parágrafos, técnicas diferentes de elaboração, assim como inúmeros exemplos retirados dos clássicos da literatura brasileira.

Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

Texto Teórico

GARCIA, Othon. M. **Comunicação em prosa moderna**. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

No capítulo III, da segunda parte do livro, o autor dedica mais de 20 páginas ao exame dos diferentes tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre. Othon Moacyr discorre sobre os verbos *dicendi*, sobre a pontuação no discurso direto, além de oferecer vários exemplos de transposição de um discurso para o outro.

Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação.

Relacionar o uso de conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas seqüências.

Livro Didático

DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. **Português: idéias e linguagens**. 8ª série, 12ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

Sugerimos consultar a unidade I (páginas 22-29). Nessa parte do livro, é apresentada uma tabela que sintetiza as conjunções mais representativas das orações coordenadas, assim como um quadro comparativo entre o processo de coordenação e subordinação. Existem, ainda, exercícios variados de reescritura de orações e sobre o valor semântico das conjunções coordenativas. Entre as páginas 68-70, 123-125 e 206-207, os autores trabalham o conceito de figuras de linguagem, apresentando vários exemplos e exercícios práticos.

Textos Teóricos

AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à Sintaxe do Português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

Este trabalho, além de um exame puramente gramatical, rediscute conceitos, examina os mecanismos internos da língua portuguesa, aborda o tema “Sintaxe e Discurso” e finaliza com análises de textos. Procurando fazer justiça à gramática tradicional e num reexame crítico desta, aponta rumos e apresenta soluções de análise, em um texto de valor para todos que se dedicam ao estudo da língua portuguesa. Destacamos aqui, o capítulo IV (páginas 48-53), onde o estudioso focaliza os processos de coordenação e subordinação.

CARONE, Flávia de Barros. **Coordenação e Subordinação: Contrastes e Confrontos**.

São Paulo: Ática, 1994.

No terceiro capítulo do livro, sobre subordinação e coordenação, Carone refere-se à Nomenclatura Gramatical Brasileira, onde as palavras coordenação e subordinação aparecem somente a partir do item relativo ao período composto, podendo induzir à conclusão de que estes mecanismos sintáticos não operam em nível inferior ao período composto, não ocorrendo dentro da oração.

HENRIQUES, Cláudio César. **Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

Após uma introdução sobre classes gramaticais e funções sintáticas, o livro se dedica integralmente à estrutura da oração e do período, inserindo as referências necessárias sobre regência, concordância e colocação nos pontos pertinentes de cada capítulo – o que permite a você ter uma visão bastante objetiva de cada tema focalizado, sempre complementado por exercícios diversos.

KOCH, Ingendore. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2007.

Sob o enfoque da Linguística Textual, o livro é dedicado ao exame dos diferentes mecanismos pelos quais a coesão se faz presente nos textos. Destacamos a seção sobre a coesão sequencial, onde a autora aborda a questão do encadeamento por conexão, extremamente produtivo para o estudo do mecanismo da coordenação.

PRODUÇÃO TEXTUAL

Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.

Livros Didáticos

CARNEIRO, Agostinho Dias. **Redação em Construção**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Moderna 2001.

No capítulo 7 (páginas 68-93), o professor Agostinho Carneiro apresenta sob uma linguagem clara e objetiva todos os elementos da narrativa (narrador, tempo, espaço, personagens e enredo). Essa apresentação sempre está acompanhada de exemplos de textos narrativos e exercícios para aplicação dos conceitos teóricos citados. Para quem

busca exemplos de textos atuais e concisos, assim como exercícios práticos bastante adequados para os alunos do Ensino Fundamental, o capítulo é de grande valia.

CEREJA, Willan Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: Linguagens.** Literatura, produção de texto e gramática. 3ª série do Ensino Médio. 5ª ed. São Paulo: Atual, 2005.

Entre as páginas 70 e 74, os autores apresentam o gênero textual crônica, a história do seu desenvolvimento em nosso país e discutem a fronteira tênue da crônica entre o jornalismo e a literatura. Apresentam, também, a crônica “A última crônica”, de Fernando Sabino, seguida de algumas questões de interpretação. É apresentada uma lista de coletâneas de crônicas para os que queiram alargar a leitura do gênero. Ao final, é apresentada uma proposta de produção textual do gênero em questão.